

# COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 374

3.º ANNO 1875

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 15600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 25400 rs. e sendo duas 45000 rs.—Semestre 13250 rs.—Brazíl, anno 45400 rs.—Semestre 25300 rs. moeda forte, ou 105000 reis e 55500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—SABBADO 24 DE JULHO

Religião e politica.

Quando a escola racionalista, a mais fidedigna inimiga do catholicismo, procura a todo o custo subtrahir a politica á influencia religiosa, estabelecendo por toda a parte governos sem fé e Estados sem Deus, é então que entre nós se levantam alguns homens, os quaes, de toda a altura da sua respeitabilidade, nos proclamam como um dogma, que a religião nada tem que ver com a politica, nem os que defendem a religião devem importar-se com os sistemas de governo!

Seria absurdo pensar, francamente o declaramos, que taes homens pretendem quebrar-nos nas mãos as armas, e facilitar assim o triumpho dos nossos adversarios. Fazemos inteira justiça á firmeza e baldade dos seus principios, á rectidão das suas intenções; e preferimos convencer-nos de que, illudidos por errados preconceitos, só procuram empregar o meio da contemporação, de cuja improficuidade deveriam todavia estar convencidos, e julgando demasiado extensa a linha de batalha, tratam de a restringir abandonando ao inimigo o campo da politica para só pelejarem no terreno religioso, sem se lembrarem de que desde 1789 ainda não houve revolução politica, que não visasse ao fim de aniquilar o reinado de Jesus Christo sobre a terra.

Comprehendemos bem a dificuldade em que se acham estes homens. Filhos politicamente nos arriaes, d'onde tem constantemente partido os attentados contra os direitos da Igreja, o desprezo das suas leis, a negação dos seus dogmas e o insulto á sua moral e aos seus ministros, embaraça-os tão incoherente camaradagem, e procuram tranquilisar a sua consciencia desculpando-se por meio da celebre fórmula—liberaes em politica, mas catholicos em religião.—Urge-os de um lado a verdade, do outro os respetos humanos, e para sabrem do apertado dilemma apenas encontram o expediente d'aquella velha das quintilhas do nosso Tolentino, a qual

Sabía com habil mão  
Unir em profunda paz  
Babylonia com Sião.

É para se justificarem aos seus proprios olhos estabelecem axiomáticamente os seguintes principios:

«A religião nada tem com a politica.»  
Note porém o leitor que o celebre Proudhon dizia: «É cousa surpreendente que no fundo da nossa politica deparamos pre com a theologia.» E o illustre Donoso Cortés sustentava que: «Toda a grande questão politica supõe e envolve uma grande questão theologica.» Ora a auctoridade de Donoso Cortés é alguma cousa superior aos sofismas dos officiosos conciliadores de Babylonia com Sião.

«Nós podemos (continua estes) reconhecer livremente uma dynastia qualquer, e preferir uma forma de governo, porque a Igreja não condemna dynastias, e para ella são indifferentes todas as formas de governo.»

É verdade que a Igreja não condemna dynastias; mas tem condemnado muita vez os reis, que trahindo a sua missão de mandatarios de Deus na terra (*per reges regnant*), consentem que á sombra do seu scetro seja perseguida a Religião, e se espantem livremente a impiedade e a injustiça. Póde haver tal dynastia tão intimamente ligada com o principio revolucionario, cuja mira é a destruição da Igreja, que esta, se absolutamente a não condemna, tem pelo menos o direito de vê-la n'ella um inimigo, de que lhe cumpre acautelar-se; e mal se póde comprehender

que os servidores de uma possam ser ao mesmo tempo amigos e defensores da outra.

Tambem é verdade que a Igreja não fulmina as formas de governo. Faz porém mais; prescreta-lhes a essencia; e se ali descobre um principio opposto á sua doutrina, condemna esse principio, ficando por conseguinte condemnado virtualmente todo o sistema, que sobre elle se basea.

Para melhor nos explicarmos, devemos recordar, ácerca d'esta questão de formas de governo, o que escreveu um dos mais sabios publicistas modernos, Mr. Guizot, cujas palavras vamos transcrever:

«É um methodo superficial e falso aquelle, que classifica os governos segundo os seus caracteres exteriores: monarchia, governo de um só; aristocracia, governo de muitos; democracia, soberania do povo, governo de todos. Esta classificação, que se funda apenas sobre um facto especial, e sobre uma certa forma material do poder, não penetra no fundo das questões, ou para melhor dizer, da questão, cuja solução decide da natureza e da tendencia dos governos. Essa questão ella aqui: Qual é a origem do poder soberano, e qual é o seu limite? D'onde vem elle e aonde pára?—É na resposta a este quesito que reside o principio dos governos, porque é este principio cuja influencia directa ou indirecta, visível ou occulta, faz a tendencia e a sorte da sociedade.»

Appliquemos agora esta doutrina ao parlamentarismo moderno, falsamente chamado sistema monarchico-representativo. Onde põe elle a origem do poder soberano? No povo, unicamente no povo. A base d'esta forma de governo está n'aquelle artigo da celebre declaração revolucionaria dos direitos do homem, que réza assim:

«O principio de toda a soberania reside essencialmente na nação; nenhuma corporação, nenhum individuo póde exercer auctoridade, que d'ahi não dimanasse expressamente.»

Esta é a base das constituições e dos governos modernos.—É uma das conquistas de 89, exclamam una voz todos os libraes genuinos e coherentes.—E tambem podemos affirmar, que toda a perseguição e oppressão legal exercidas pelos governos contra a Igreja em nossos dias, são a consequência pratica d'esse principio da soberania absoluta do povo.

Ora tal principio, se, praticamente falando, é altamente infesto á liberdade e á propria existencia da Igreja, em these e diametralmente opposto á doutrina da mesma Igreja e dos Livros Santos, segundo a qual todo o poder vem de Deus, e só em Deus existe essencialmente a soberania do direito.

Já se vê pois que nem a Igreja póde approvar um sistema politico, que contradiz formalmente o seu ensino, nem razoavelmente se póde exigir que um catholico sincero seja indifferente em face d'esta politica, que envolvendo a negação de Deus como fonte unica do poder, eleva a vontade do povo acima de todas as leis divinas, e legalisa d'esta arte todos os attentados contra a Religião e contra a Igreja.

A constituição politica de um povo catholico deve ser necessariamente subordinada ao principio religioso, a menos que se não queira sustentar a theoria do Estado atheu, ou que se admitta na sociedade, que é a collectividade dos individuos, o que se não póde racionalmente conceder ao proprio individuo, isto é o direito de viver sem religião alguma. Parece incrível que escriptores catholicos afirmem o contrario, e que não vejam sequer na historia a differença entre os tempos, em que o sentimento religioso era o

fundamento de toda a politica, e os tempos hodiernos, em que a politica já não é simplesmente a arte de governar os povos, mas a arte de os governar sem Religião.

Este artigo porém já vae longo, e n'outro concluiremos o que se nos offerece dizer sobre o assumpto.

D. M. S.

## O Jubileu do Anno Santo em Guimarães.

A vetusta Guimarães ainda se não arrefeceram os brios, nem esmoreceram os entusiasmos religiosos. Logo que uma aurora formosissima, prenuncio de grandes bens, apontou nos horizontes tão limpidos, onde ia fulgir e rutilar um sol tão bello, correu pressurosa ás aras santas do Crucificado a lavar-se das manchas da culpa, para com mais desafago e menor receio agradecer ao Deus de toda a criação os beneficios e favores immensos, que com tanta prodigalidade lhe liberalisava.

Foi ella, essa forma-a cidade, que se reclinou risonha na alfombra sempre verde de suas collinas e se espreguiça donairoza á sombra sempre apetejada de seus floridos arvoredos; sim, foi ella, que sendo essencialmente catholica, soube e quiz responder á voz angelica e infallivel do Soberano Pontifice, o Immortal Pio IX, e á veneranda Exhortação Pastoral do seu illustre Prelado, o ex.<sup>mo</sup> snr. Arcebispo coadjutor.

Por officio do dignissimo arcepreste do districto, enviado ao ill.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> cabido da insigne e real Collegiada, no qual se lhe designava as igrejas da mesma Collegiada, Misericordia, S. Francisco e Santos Passos para n'estas ter logar o cumprimento das visitas necessarias á consecução do jubileu do Anno Santo, resolveu o mesmo rev.<sup>mo</sup> cabido e deu-se pressa a aproveitar esta graça, e, por editaes, afixados nas portas das igrejas, convidou as corporações d'esta cidade a acompanharem preciosamente nos dias 12, 13 e 14 do corrente ás 5 horas da tarde.

Não fez em vão este convite. As dignas mes.<sup>as</sup> das Veneraveis Ordens Terceiras de S. Francisco, S. Domingos, Carmo, confraria do SS. Sacramento da mesma Collegiada e outras corporações, nos dias e horas determinadas, principiarão a entrar na igreja da Collegiada, que se achava já repleta de fieis.

Deu-se começo á procissão, observando-se o ritual, e assim se visitaram as referidas igrejas, terminando no ultimo dia por um soleune Te-Deum a canto-chão e orgão.

N'este soleune momento via-se transluzir no rosto d'alguns milhares de fieis, que com edificante devoção acompanharam estas magestosas procissões, a satisfação que nasce da pratica d'uma obra agradável a Deus.

Officiou nos tres dias o dignissimo Chantre, que, apesar dos seus penosos soffrimentos, levava o Santo Lenho debaixo d'um rico pallio róxo sustentado por oito sacerdotes. O rev.<sup>mo</sup> cabido esmerouse para que este acto fosse feito com o esplendor com que costuma fazer os actos religiosos na sua igreja.

São dignos dos maiores elogios as benemeritas corporações, que, com a maior decencia e em grande numero de irmãos, concorreram a abrilhantar tão piedoso acto.

É digno porém de especial menção o zelo christão das duas Veneraveis Ordens Terceiras de S. Francisco e de S. Domingos pela louvavel iniciativa e empenho em que os seus irmãos lucrassem as graças d'este jubileu.

Por annuncios publicos as mezas d'estas duas V. Ordens, não só convidaram

os seus irmãos a encorporar-se para acompanhar as ditas procissões, mas, para que mais facilmente podessem aproveitar este beneficio, os prevenia de que haveria nas suas igrejas confessores.

Iniciativa feliz! Nas manhãs dos tres indicados dias os confissionarios d'estas igrejas achavam-se já occupados por zelosos sacerdotes, que, supposto serem em grande numero, eram quasi insufficientes para ouvir de confissão a multidão dos fieis, irmãos e não irmãos d'estas Ordens, que, tanto da cidade como das aldeias circumvisinhas, affluiram a purificar suas consciencias na piscina salutar da penitencia.

Na igreja parochial de S. Paio e na dos Santos Passos foi tambem grande o numero de fieis que o digno prior e capellão d'aquella e o digno capellão d'esta, auxiliado por outro sacerdote, confessaram.

Em quasi todas as igrejas d'esta cidade se viam os confissionarios rodeados de fieis.

Póde dizer-se que os milhares de fieis que concorreram a estas edificantes procissões, purificaram suas consciencias nos tres dias para dignamente cumprirem as visitas prescritas.

Como era magestoso o prolongado prepassar d'esta massa compacta no maior recolhimento e silencio religioso, interrompido apenas pelo pausado entoar da Ladinha!

Que encantador aspecto offerecia este como jardim de variegadas flores!

Não era difficil divisar, aqui e alli, familias inteiras, ainda da mais alta nobreza, que, de mistura com o pobre, davam a este acto um realce sem igual, já pela compostura do porte, já pelo bom exemplo e incitamento á pratica d'obras taes, n'este seculo que inspira pejo á pratica do bem e entusiasmo delirante á do mal.

Parabéns a todos. Louvor ao rev.<sup>mo</sup> cabido e benemeritas corporações; parabens e louvores aos dignos ecclesiasticos que espontaneamente se prestaram a tão espinhoso trabalho, e gloria a Guimarães, que assim respondeu mais uma vez aos arduos esforços e satanicos empenhos da impiedade.

Guimarães 16 de julho de 1875.

Um padre de Guimarães.

O nosso presado amigo e illustre cor-religionario, o ex.<sup>mo</sup> A. R. Saraiva, enviou-nos o seguinte extracto d'uma correspondencia de Londres para o «Apostolo», do Rio de Janeiro:

Temos tido por algumas semanas, na Europa, uma especie de tregoa nos terrores bismarkianos, que não ha muito pareciam affectar todos os governos n'esta mais pequena e mais bulhosa das 4 partes do globo. Os capacetes bicudos prussianos pareciam a ponto de tentar outro passeio através do Rhin; fervia o caldeirão e borbulhava de maneira que parecia prestes a transbordar novamente, e vir outra vez escaldar a França; eis que vimos abater a fervura, como quando uma gota d'agua fria faz alixar na cafeteira e socegar a espumosa fervura do liquido aromatico. Qual foi a causa do fenomeno? com rasão se attribuiu á visita do imperador da Russia a seu tio, na passagem por Berlim para Em.; viu-se que na corte da Prussia, tanto o Czar como o seu primeiro ministro, se empenharam em assegurar ao corpo diplomatico, terem-se dispersado as nuvens; e cessado o perigo da tempestade.

De que razões e conselhos o autocrata e o seu Garteckhoff se serviram para abater a proa bismarkiana em tal occasião,

não fomos, nem era fácil fossemos, informados então. Assim como, porém, a fumaça é indicio certo de que ha, ou de que houve, fogo, indicações apparecem que mostram assás claramente, não haverem sido todas de mel, as dedadas russas applicadas aos beiços de Bismark e de seu amo, na passagem para as agoas.

O celebre correspondente prussiano do «Times», que tantas vezes, nos ultimos annos, nos tem fallado e advertido, quasi em tom official, dos designios e determinações do imperioso chanceller, escreveu, em 29 do passado, por maneira que manifesta não se ter a Russia encontrado disposta a temperar a sua politica pelo diapasão despotico-liberal de Berlim. «Amigos, amigos, negócios á parte,» apesar do affecto verdadeiro e sincero do imperador Alexandre por seu tio Guilherme, não se achou disposto aquelle a deixar que Bismark se possesse a dictar á Europa as suas vontades, affectando ao mesmo tempo estar-lhe a Russia aquecendo as costas, e prompta a vir ajudal-o, caso começasse a desandar a roda de Ichleswig, de Sadowa e de Sédan. Não posso interpretar de outra sorte o tom em que ao «Times» o dito correspondente, em sua longa carta, discorre d'esta sorte:

«Tempora mutantur. Em sua jornada voltando para Petersburgo, o imperador da Russia acaba de apartar-se do caminho direito alguns centos de milhas, para ir encontrar o seu confrade austriaco. Esta entrevista tendo lugar immediatamente depois da recente interferencia do Czar em Berlim, não pôde deixar de perceber-se-lhe o intento. Se Berlim foi advertido de não se metter em guerra sem o apoio de todas as Russias, a Austria, o mais fraco e mais pacifico dos membros da chamada liga, convem ser assegurada do continuado interesse que a Russia tem na conservação da paz. Fallando ás claras, a Russia vae na estrada real para maior intimidade com a Austria enfraquecendo, por não dizer á custa d'elles, os vinculos que a ligam a este governo (o grifo é meu). A quem seja sabedor da historia dos ultimos 20 annos, a mudança deve parecer assás estranha, para tornar desejavel um esboço retrospectivo.»—Diz depois, que o imperador Nicolau da Russia foi supprimir a rebellião na Hungria (em 1849), porque não queria uma republica ao pé de seus Estados, e sobre tudo perto da Polonia; porém que, ao mesmo tempo, elle protegera os húngaros (contra o ressentimento austriaco); que isto offenderá a Austria, e que por tal occasião o príncipe de Schwarzenberg pronunciara aquella sentença—sendo elle então, como é sabido, primeiro ministro austriaco—que a Austria pasmaria o mundo com a sua ingratião. Allude então á conducta da Austria por occasião da guerra da Crimea, e diz, que o imperador Nicolau, o qual contava com a Austria como allhada sua n'essa occasião, sentiu suas proprias operações grandemente embaraçadas pela reunião de um exercito austriaco nas suas fronteiras. Isto é verdade, salvo que, na minha opinião, não foi tanto o receio que o imperador Nicolau tivesse da hostilidade austriaca, como o não vir a Austria em seu soccorro, quando a Inglaterra, a França, a Turquia, e o Piemonte vieram atacal-o na Crimea. A posição da Austria porém era sumamente difficil e perplexa n'esse tempo: de um lado estava a Russia, e seu embaixador então em Vienna, Gartschakoff (o actual grande chanceller), urgiudo, e com alguma razão esperando, a mesma Austria agora lhe retribuísse o serviço de supprimir-lhe antes a insurreição na Hungria. Mas, por outra parte, estava a França, a Inglaterra, a Turquia e o Piemonte, que a olhariam como inimiga, a hostilizariam, tornariam a levantar e armar contra ella a Hungria, atacariam suas possessões na Italia e perto do Adriatico, e dariam a mão ao partido revolucionario dentro dos domínios austriacos mesmo—o que seria a ruina do imperio. E a Prussia, muito provavelmente, não deixaria de aproveitar a occasião para apoderar-se quanto possesse da porção allemã do imperio dos Hapsburgos. Parece-me, pois, que a Austria não podia, sem grande risco de suicidio, unir-se á Russia contra a liga anglo-franco-turco-piemontesa.

Se, por outro lado, tomasse parte activa contra a mesma Russia, além da ingratião que isso involveria, havia de crear um ressentimento justo e implacavel da parte da Russia, que levaria seculos a desvanecer-se. Pelo contrario, o procedimento da Austria em occasião tão difficil, passada a conjunctura de então, e quando o governo russo possesse já ponderar sem

paixão, e fóra de aperto, a conducta da Austria, não podia deixar de julgal-a como eu a estou julgando, e dissipar-se assim a especie de frieza que tinha existido antes.

Ninguém de certo, vê isto mais claramente do que o príncipe Gortschokoff, que, como embaixador que fóra em Vienna durante aquellas grandes difficuldades da Austria, vê perfeitamente que ella não podia proceder de outra maneira do que a adoptada então, e que elle proprio, se estivesse no lugar do conde Buol Ichauenstein, o primeiro ministro d'Austria, não tivera procedido de outro modo.

Nada, pois, mais natural, do que fazer a Russia e o novo imperador hoje esta justiça ao imperador d'Austria, e desejarem renovar com estas relações cordias de amizade, no interesse dos dois soberanos e dos dois Estados. Isto, parece, avêda o celebre correspondente oráculo de Berlim; e asêda sem duvida tambem não pouco seu inspirador Bismark o qual contava, como dissemos, com a Russia para moralmente ajudal-o a revolucionar a Europa; mais ainda do que já o está, e pescar assim em agoas turvas os territorios allemães pertencentes á Austria. Mais tarde, com ajuda do tunel do Saint Gothard, e de algum outro geitinho, teriamos o imperio de Berlim lavado os pés no Adriatico, e as duas mãos uma no oceano do Norte e outra no Baltico.

Tudo isto, em nome e por graça do falso liberalismo e constitucionalismo, devia, já se entende, ser muito agradável á Russia, que não tardaria a ser inoculada com o tal dissolvente chamado *constitucionalismo* á inglesa—que fóra d'aqui tem a virtude de revolucionar, corromper, anarchisar, desmoralisar, individuar, e ridicularisar os Estados. Alexandre, porém, e o seu Gortchikoff parecem pouco inclinados a promover semelhante progresso; e talvez tambem em vista mancomunarse com a Austria, para elevarem um dique a esta inundação do liberalismo tolo, que vae mais e mais inficionando o mundo civilizado, e desmoralizando-o de maneira horrivel sob os auspícios da Maçonaria, nossa senhora (que o diabo guarde—ou leve, *ad libitum*).

Esta importante carta do oráculo de Berlim—a qual creio poderíamos bem applicar o nosso «ralham as comadres, descobrem-se as verdades»—revela-nos ainda outros segredos de que todo o mundo não era bem sabedor. Diz-nos em 1868, Napoleão, tendo sempre na cabeça a guerra com a Prussia, tinha feito concertos com Austria para excitar levantamento na Polonia a fim de que a Russia tivesse obra em casa, e assim não podesse vir acudir á sua vizinha de Berlim; mas que quando estes concertos estavam gizados, levantouse a Hispanha e deitou fóra a rainha Isabel. Veio então o medo da republica substituir, pelo momento os cuidados concernentes á intencionada guerra prussiana, e suspendeu-se tanto em França como na Austria o projecto concernente á Polonia e á Prussia, o qual só tornou a reviver depois, algo modificado, em 1870, quando Bonaparte viu que já não havia que temer em França do republicanismo hispanhol.

Que Austria desejasse, sendo possível, o restabelecimento da Polonia, ninguém o estranhará, não obstante que para o mesmo ella teria de contribuir com o quinhão que lhe tinha tocado na repartição d'aquelle antigo reino; mas depois da maneira porque Napoleão tinha deixado que a Prussia a esmagasse em Sodowa, e se tornasse desde então a mesma Prussia arbitra e senhora d'Allemanha, esperar que a Austria se expozesse a novos compromissos para salvar o revolucionario imperador francez, haverá sido singular anomalia. Se contudo a guerra de 1870 não tivesse, logo de principio, manifestado a condição miseravel a que o Napoleão de contrabando tinha reduzido a França militar, Austria poderia ter aproveitado a occasião para recobrar o seu prestigio e auctoridade na Germania. Ao ver porém o fiasco de Napoleão Pequeno, conservou-se de braços cruzados em quanto a Prussia se apropriava agora o lugar que pertencera ao Imperio Apostolico.

Se Bismark e seu amo se tivessem contentado com deixar ao mesmo imperio que as loucuras francezas lhe haviam entregado, seu antigo caracter de mutua liberdade e tolerancia religiosa, a Allemanha pacifica e caseira em seu caracter, houvera socegradamente acquiescido á mudança de chefe e de capital; e continuaria pacificamente entregando-se a seus estudos, meditações e melhoramentos; contente de

ter-se desaggravado, de ter dado á vaidade franceza uma severa lição, e de apresentar á Europa e ao mundo um respeitavel espectáculo de força ao mesmo tempo, que de moderação e tolerancia—ha muito seu reconhecido caracter. Embriagado porém com suas victorias, e crendo-se d'ora-avante omnipotente e irresistivel, o «chanceller de ferro» quiz, ao mesmo tempo que imperava ao material da Allemanha, domoar tambem o espirital e as consciencias, imprimir a toda a população do novo imperio crença—ou não crença—uniforme, como a disciplina de seu exercito!

Aqui se mostrou o homem pequeno, e não á altura da sua missão, ou da sua fama, desde que o vimos, como D. Quixote, a proseguir chimeras, a romper lanças fisicas contra gigantes moraes, isto dentro do seu novo imperio. Desejava eu saber quantos catholicos verdadeiros (os que o não são só tem o nome falso ou a mascara) ha elle convertido ao seu sistema protestante, dos doze milhões de catholicos que contém o novo imperio! Logo, o «Grande Homem» deu uma grande patada com sua politica de *despolismo liberal*; e uma prova e consequencia da mesma patada, é esse procedimento do imperador da Russia, de se reconciliar tanto com o imperador d'Austria, e mais ainda, o congracarse em boa parte—do que parece já não existe duvida—como Summo Pontifice no Vaticano.

Não sei se os leitores do «Apostolo» me desculparão este longo artigo sobre as relações dos tres imperios; no meu conceito e convicção porém, são ellas de tanta importancia e influencia nos interesses capitaes que o mesmo «Apostolo» se empenha em sustentar e promover, que entendo dever indicar, tanto quanto em mim cabe, as esperanças que julgo podemos conceber de immiserias taes. Copiarei, pois, ainda porções da notavel carta de Berlim, relacionadas com os grandes interesses que como catholicos temos tanto a peito; tanto mais, que a relação que o correspondente nos dá é evidentemente derivada de fonte authentica, e assim accrescenta ao interesse da narrativa n'um assumpto em que o publico só viu, por assim dizer, o exterior. Copio, pois:

«O imperador Francisco José, desejando considerar o passado passado, estava ansioso de fazer a paz com seu illustre parente em Berlim. Em quanto se proseguiam as negociações para um encontro dos dois na capital prussiana, o imperador da Russia exprimiu o desejo de honrar a occasião com a sua presença; foi, já se sabe, bem vinda tal visita. Eis ahi simplesmente a origem do que chamavam a Liga dos Tres Soberanos? A Russia, vendo que o imperio germanico, e o semi-germanico se davam a mão, quiz fazer um terceiro na confraria que parecia formar-se em suas fronteiras. Para este fim, teve de abraçar a sua hostilidade para com a Austria, tanto mais inclinada a ligar amizade com a Prussia, quanto pensava que a Russia lhe era opposta a si; logo que descobriu achar-se esta amigavelmente disposta, recuperou uma independencia que d'outra sorte não tivera sido ganhada.

«Recentes desenvolvimentos corroboraram os vinculos estabelecidos então entre os imperadores Alexandre e Francisco José. Com razão ou sem ella, a Allemanha assistou-se, ha poucos mezes, não do que actualmente é o poder da França, mas do que ella pôde ser d'aqui a um anno. A sua ideia de prevenir um inimigo possível não achou favor no palacio de Inverno ou no «Hofbossey» (na corte da Russia). A Russia, bem que de certo prefira uma Prussia forte a uma forte Austria, não tem particular inclinação a ver o seu intimo amigo n'uma eminencia que não obstante pôr fim a todo o perigo em permanencia no Occidente, dá possibilidade de operar para qualquer lado; ao passo que a Austria, desde que tem razão de contar com auxilio da Russia, tem deixado recobrar consideravel influencia ao seu elemento anti-prussiano.»

Depois d'isto, mostra o grande correspondente a sua zanga de que a Austria se não tenha ligado inteiramente com a Prussia (isto é, posto-se ás ordens d'ella); porque assim ficará em circumstancias de inclinar mais para uma ou para outra das duas, segundo lhe faça conta. Já se vê, o que a Prussia queria, era que a Austria, depois de offendida e despojada pela sua rival, se possesse, de mais a mais, á inteira disposição d'esta. (!)

«No conceito dos allemães (diz mais o correspondente) ao passo que a França é desamigavel, a Austria, por favor da

Russia, é, se não directa pelo menos, indirectamente duvidosa. A entrevista cordeal dos dois soberanos na carruagem ferroviaria (o imperador da Austria acompanhado o da Russia, na carruagem do caminho de ferro, por mais 100 milhas) «servi-á só de corroborar aquellas impressões. O dizer-se que, visto os ministros não estarem presentes, á entrevista, nada tem com politica, é allegação que se refuta a si propria. *El da corte d'Austria, não do gabinete actual austriaco, que as intenções são suspeitas.*»

As ultimas linhas em grifo deixam bem ver como estes liberangas, não querem que os soberanos sejam mais que meros automáticos; e ao mesmo tempo mostram, como o ministerio Andraffy possui toda a confiança deste correspondente bismarkino, e por consequencia, o do seu amo tambem! O meio do tal correspondente é, que os dois imperadores viessem talvez a concertar entre si algum modo de assemelhar-se nos dois imperios a auctoridade dos dois soberanos.

O estado de cousas que a carta d'onde extractei revela é, no meu entender, da mais alta importancia, e por isso tanto me estendi a tal respeito. E combinando, ao mesmo tempo, estes procedimentos do czar que tanto parecem desagradar em Berlim, com as relações mais amigaveis da Russia com o Pontifice e a Santa Sé, concessões a respeito da igreja na Polonia; não posso defender-me—oxalá que não me engane—de agourar mudanças notaveis na politica da Europa, em tempo não muito remoto. Assim Deus o queira.

Escrevi na data a carta acima para o «Apostolo» do Rio Janeiro; parece-me que convém chamar attenção á sustancia d'ella, por sua importancia, e por isso envio a copia ao «Commercio do Minho». O correspondente do mesmo «Times» em Vienna, contradiz positiva e redondamente a asserção do de Berlim, de que a Austria tinha querido ajudar a levantar a Polonia contra a Russia.

Londres, 16 de julho de 1875

A. R. SARAIVA.

#### A missão de Carlos VII (1)

### III

Que este proposito de D. Carlos seja coisa muito seria e não para se tomar em gracejo, melhor que muitos catholicos timoratos bem o presentiu a revolução cosmopolita, desde a vez primeira que ella appareceu com a bandeira desfraldada, precedido por um pequenissimo numero de animosos partidarios no solo de Hispanha. O desencadeamento das furias que sobre elle se lançaram de todos os paizes, não é comparavel senão áquelle com que a hydra maçonica desde ha tantos annos se assanha contra o Papa Pio IX. A seita omnipotente em quasi todos os Estados, percebem que assim como o Pontifice no seu *Syllabus* tinha indicado o codigo da restauração dos povos christãos, por ella arrastados á barbarie moderna; assim D. Carlos poderia bem ser o homem que, docil ao Vigario de Christo, levantasse o povo hispanhol á altura indicada por este codigo, e com isto desse principio a um movimento de salutar reacção, que libertasse a Europa do jugo de sua infame escravidão. Nem este furor, até ao presente, se tem mitigado; mas antes se tem exasperado ao passo que o príncipe tem multiplicado suas victorias.

E nem se deve dizer que a revolução tenha acirrado contra elle sómente a sua plebe,—isto é os seus jornalistas,—e se tenha contentado de fazer ladrar contra elle estes ladradores mercenarios. Aos latidos ensurdescentes das contumelias e calumnias por estes proferidas, uniram-se as mentiras e as imposturas das agencias telegraficas da Europa; demais, os manejos de uma diplomacia dolosa e sem pudor, além d'isso todas as possíveis tapagens politicas, para fechar a D. Carlos todas as vias maritimas e terrestres d'onde podesse tirar soccorros d'armas e de munições; e finalmente ás mais cruas ameaças e os actos da mais decidida hostilidade, como se se tratasse de cercar e desarmar um subversor da paz europea, um publico inimigo do genero humano.

D'pois do Papa Pio IX não ha no mundo outro homem que n'estes vossos dias

(1) Da *Civiltà Catholica* de 19 de julho.

seja tão honrado e glorificado pelas iras e pelos vilipendios da revolução como Carlos VII. E é facto notavel que Bismark, o homem que personifica em si a mais odiosa tirannia dos nossos tempos, e que por isso mesmo é o idolo mais adorado da maçonaria, a ninguém tanto persegue e aborrece, depois do romano Pontífice, quanto ao joven Rei, que, em nome da christã liberdade colhe louros e mais louros nos campos de batalha da Hispanha, e de face erguida proclama que matará a revolução (e a matará). O *homem do sangue e do ferro*, que por toda a parte esmaga os fracos e faz triunfar o principio da força prevalescente sobre o direito, brame e raiva contra este indomavel príncipe, que servindo-se do canhão, quer de novo repór o direito no seu lugar, isto é, sobre a força.

Ora, se o proposito de Carlos VII fosse coisa de burla, ou para rir, aquelle soberbo inimigo de toda a liberdade christã não o julgaria digno de uma guerra tão encarnhada como o está sendo a guerra com que o hostilisa.

Os prepotentes só aos poderosos temem.

## IV

Verdade é que ainda entre os que são benevolos para com Carlos VII não faltam espiritos ligeiros e impacientes que por ahí se ouvem ás vezes perguntar: «Mas que fructos solidos tem elle recolhido durante estes annos em pró da sua Missão? O que tem elle concluido? Não o vemos retroceder, é verdade; mas tambem o não vemos ir para diante. Elle vence, vence... mas está sempre no mesmo ponto.»

Estes não pensam que D. Carlos começou de nada, e que quanto n'estes tres annos tem operado, tudo é fructo de sacrificios incriveis, de ferrea constancia, e de fortissima vontade. Quando ainda este príncipe, que entrado em Hispanha em companhia de trinta homens se encontra hoje á frente de um exercito de perto de cem mil soldados endurecidos nas fadigas e vencedores em cem batalhas, não tivesse feito outra coisa mais que conquistar a metade do territorio que agora occupa, estabelecendo-se n'elle como tem feito, constituindo aquelle prodigio de exercito tão admiravelmente organizado, armado e commandado, que todos conhecem, attendendo-se ás invenciveis difficuldades que tem devido superar, já se deveria dizer que muito tinha feito.

Parece-vos pequena coisa o ter reduzido a força de toda a revolução em Hispanha a deixar todo o designio de offensiva contra elle, e a entreter-se quasi só n'uma timida defensiva, confortada pelo futil e ignobil apoio de uma traição, qual foi a ordida por Cabrera? Parece-vos pouco ter creado de nada, e sempre no meio das batalhas, aquelle exercito que é o instrumento poderosissimo que deverá quanto antes conduzir-o a Madrid? A não se dar um grandissimo affecto dos povos, e um palpavel auxilio do céo, era possível pôr em pé de guerra tantas forças e adquirir tantas armas, entre os contrastes com que as potencias europeas, maxime a França, por ordem de Bismark, por terra e por mar lhe tem apresentado como poderosos obstaculos?

Mas elle tem feito ainda mais. Desde que rompeu a guerra contra a revolução em Hispanha, já tornou impossivel a existencia de tres governos d'ella nascidos e por ella sustentados, — o de Amadeu de Saboya, o de Castellar e o de Serrano — para não fallar do quarto, que vacilla a estas horas e contra o qual dirige seus canhões victoriosos. Demais, tornou impossivel á revolução ahi governante o recurso das finanças e a formação de um poderoso exercito. Finalmente derrotou nas mais importantes batalhas todos os melhores generaes que servem ou tem servido a revolução, — Moriones, Loma, Concha, Laserna, Blanco, Serrano; tornando bem inilustre que não havia um só, por atrevido que fosse, habil e experimentado, que podesse fazer frente aos seus batalhões. Se Concha em meio do anno passado chegou a constrangel-o com a força do numero e da artilheria, a levantar o cerco de Bilbao, descontou aquelle bom successo com a terrivel derrota que no seguinte junho soffreu em Muro, junto a Castella, e com a vida. E se Laserna, em dezembro, o obrigou a levantar o assedio de Iruñ, descontou essa efemera vantagem, em fevereiro do corrente anno, com a memoravel derrota de Lorca.

Não basta ainda. D. Carlos, tem além d'isso, constituído um governo nas provincias em que reina, — governo que pro-

cede com ordem admiravel. O governo carlista, na Navarra, na Guipuzcoa, na Biscaia, em Alava e em boa parte da Catalunha, recruta soldados, recebe tributos, administra a justiça e paga pontualmente aos militares e aos empregados civis.

Tambem negocia empréstimos e entende-se com as companhias de caminhos de ferro; abre universidades, fabrica armas, assigna passaportes, publica jornaes, regula os correios. Que mais? Já reduziu o novo governo de Madrid a tratar com o seu governo de igual para igual; a fazer armistícios, a estipular troca de prisioneiros, a portar-se como as leis de boa guerra, querem que se porte um belligerante com outro belligerante.

Eis uma parte da obra de Carlos VII, operada até hoje no mero giro dos factos e dos interesses materiaes. Do resto fallaremos no seguinte n.º

(Continúa)

## REVISTA ESTRANGEIRA

## Hispanha.

## Noticias da guerra

—Hendaya 13.—O general Dorregaray, depois de ter feito uma marcha habil e feliz de 70 legoas com 23 batalhões e 600 cavallos, é esperado no Norte, aonde estão preparadas 6:000 armas e muito material de guerra para o seu exercito.

Uma sahida da guarnição de S. Sebastião para Hermani foi repellido hontem pelos carlistas, que causaram ao inimigo grandes perdas. Entre os mortos conta se o capitão dos miqueletes, Arnao.

Desmenti o abandono pelos carlistas da montanha de S. Marcos.

—Item 14. Official.—Desmenti a marcha do exercito liberal para os desfiladeiros das Amescos, e no valle de Borundo, e a retirada da nossa artilheria de Mendison e de Santiagomendi.

Os quarenta batalhões de Quesada e Loma ainda não deixaram Miranda e Victoria.

Os affonsistas queimaram todas as colheitas, casas e bosques dos arredores d'esta cidade, o que prova que não tem a certeza d'alli se conservarem.

Está eminente uma batalha em volta de Victoria, entre o nosso exercito ás ordens de D. Carlos e os liberaes.

O commando geral d'esta provincia foi confiado ao augusto primo do nosso rei, o conde de Caserta, por um decreto assignado em Tolosa no dia 9.

Os affonsistas mudaram a sua guarnição da Navarra por causa das deserções. Nos dois ultimos dias passaram-se para nós vinte soldados armados.

—Tolosa 13.—O general Lizarraga não saiu de Seo d'Urgel. Nem foi a Roma, nem a Vienna, nem a Bruxellas. Os prisioneiros de Cantavieja não excedem a mil, que embarcaram em Viñaroz e desembarcaram em Valencia, aonde a tropa os deixou insultar pela canalha affonsina, e isto enquanto o rei Carlos VII recebe os officiaes prisioneiros e os naufragos do vapor «Bayona», com a maior benevolencia, deixando os primeiros em liberdade sob a sua palavra d'honra.

Excepto Huesca, Dorregaray entrou em todas as cidades do alto Aragão, requisitando cavallos, armas, etc.

—Hendaya 14.—Os telegrammas affonsistas mentem audaciosamente.

Os carlistas não tendo atacado desde ha muito tempo Guetaria nem Iruñ, não podiam ser repellidos d'estes pontos.

O 7.º batalhão navarrez não podia ser aprisionado com Dorregaray, porque está em Cirauqui Estella.

A via ferrea de Victoria não foi restabelecida, porque os carlistas a dominam.

Dorregaray não foi batido; elle está á frente de 11 000 homens, e as columnas que o perseguem não contam mais que 3:000.

Os carlistas continuam a fortificar as montanhas de Zorrotze e de Santiagomendi; e não pensam, por fórma alguma abandonar as.

E' falso que os carlistas fujam para as Amescos, pelo contrario ás operações militares, vão recomeçar com novo vigor.

—Hendaya 15.—O rei chegou ao quartel general de Villareal d'Alava para continuar as operações.

Viajantes chegados de Huesca, dizem que Dorregaray aprisionou a guarnição de Barbastro, forte de 800 homens.

Crê-se que o exercito do Centro chegará a Seo de Urgel.

—Hendaya 15.—E' falso que Dorregaray e suas tropas entrassem em França.

—Perpilhão 15.—Um corpo carlista bastante consideravel chegou a Cerdanha hispanhola, e occupa todas as aldeias.

Espera-se um proximo ataque a Puigcerdá.

Bourg-Madame 15.—1:500 carlistas com 4 canhões e 2 obuses chegaram em frente de Puigcerdá. Esperam reforços para atacar esta noite.

—Madrid 14.—O general Quesada publicou uma proclamação declarando applicavel á provincia d'Alava o decreto relativo á expulsão dos carlistas e a confiscação de seus bens.

D. Carlos occupa as posições de Villareal com forças consideraveis.

## GAZETILHA

**Festividade.**—No proximo d-mingo festeja-se na igreja de S. Thiago da Cidade a Imagem de Sant'Anna, com missa cantada, exposição do SS. todo o dia e sermão de tarde. E' orador o sr. padre João Rebello.

**As exequias do sr. duque de Loulé.**—Lê-se no «Bem Publico»:

Tem continuado as exequias do sr. duque de Loulé em diversas terras do reino, a expensas e por os cuidados do partido historico, que pertence por este meio affirmar-se, resurgido do sepulcro quando n'elle cahiu o cadaver do seu chefe; e aspira a conquistar a posse do poder com o auxilio das Missas e dos *Libera Me*. Fazem assim da religião instrumento da politica os mesmos que attribuem falsamente isto aos catholicos.

No Porto, e em Coimbra foi onde estas ceremonias se fizeram com maior pompa; mas tambem se viu que a *illustre* commissão das exequias de Lisboa, e as *benemeritas* deputações andaram a correr d'aqui para alli com os comparças do theatro em scenas de grande apparato.

Uma coisa nos tem bastantemente maravillado. Tanto em Lisboa, como no Porto, e n'outras terras, foram as exequias seguidas de brodios, como se os banquetes e as folias dos selvagens nas exequias de seus chefes tivessem tomado direito de cidade entre nós. Será por o selvagismo que a *historia* representa? O governo da facção historica, aqui em Lisboa, votou como tinha feito o gr. or. Un., um voto de lavor ao sr. Eunes Cav. R. X. pelos *Lazaristas*: não sabemos tambem se, como este, lhe votou 25\$000 reis para as despezas da impressão.

**Diccionario Popular.**—Recebemos e agradecemos o 1.º fasciculo do *Diccionario Popular*, historico, geografico, mythologico, biografico, artistico, bibliografico e litterario. E' composto por uma Sociedade d'homens de letras, e assigna-se em Lisboa, rua da Atalaia, 173.

**Portugal antigo e moderno.**—Recebemos os ultimos fasciculos do vastissimo diccionario *Portugal antigo e moderno*, desde pag. 437 a 532.

Tem-nos por vezes esquecido noticiar a distribuição dos fasciculos—distribuição sempre regularissima—por motivos que não ha muito referimos em caso identico. Nas publicações periodicas, onde ha um corpo regular de redacção, estas faltas são menos frequentes, o que não acontece em algumas empresas jornalisticas da provincia, em que não poucas vezes um só individuo tem de redigir desde a primeira até á ultima linha do jornal.

Quem, não lór estranho á lufalufá da imprensa, não póde estranhar uma ou outra falta d'esta natureza.

Confiamos, pois, em que o illustre e benemerito auctor e editores d'esta publicação monumental nos desculparão.

Nos fasciculos á que acima alludimos encontra-se, entre outras curiosissimas, a descripção da quinta de Monserrate, á da villa de Mont'Alegre, etc. Subordinada á palavra *Montanha* contém uma tabella indicativa das 30 maiores elevações do continente de Portugal; e sob a de *Monte* descripções curiosas de sanctuarios, entre os quaes a do Bom Jesus do Monte. Ainda sob o mesmo termo acha-se minuciosas noticias respeitantes ás villas de Montemor-o-novo e Monte-mór-o-velho etc.

Estamos dispensados de encarecer o merecimento d'esta obra, cuja importancia ninguém já hoje contesta ou desconhece.

## VARIEDADES

## CANTIGA Á VIOLA.

(A mestre Roque)

Desde que uma certa imagem  
lhe trouxe o anjo da Insomnia,  
mestre Roque anda em viagem  
nas campinas da Parvonía.

Essa imagem, que o seduz,  
cochichou-lhe muita vez:  
—será escriptor de cruz  
mestre Roque, o parvonez.

Gaudencio.

## AGRADECIMENTOS

João Fernandes Valença, D. Maria José da Silva Rocha Valença, Antonio Peixoto Braga, D. Joaquina do Carmo Ferreira Peixoto Braga e D. Anna da Conceição da Silva Rocha, gratos ás provas de consideração e amizade com que as pessoas de suas relações procuraram adoçar-lhes a sua afflictissima situação, causada pelo profundo golpe que os feriu no mais intimo da alma, pelo fallecimento de seu estremito e nunca assás pranteado filho e sobrinho, Antonio Fernandes Valença, cujo sepultamento teve lugar no dia 20 do corrente, possuidos da indeclinabilidade d'um doloroso dever, servem-se d'este meio para por elle deixarem bem constatada a sua gratidão e reconhecimento, pedindo desculpa de não o fazerem pessoalmente.

Igualmente agradecem aos snrs. ecclesiasticos que obsequiosamente celebraram o santo sacrificio da Missa e assistiram aos Officios no real templo de Santa Cruz.

(C. 2387, R. 106)

## ANNUNCIOS

## MONTE-PIO DE S. JOSE

Participa-se aos socios do Monte-pio de S. José, que o facultativo d'esta associação é o ill.º sr. João Baptista da Silva Ramos, morador na rua de S. Vicente, n.º 22; isto pelo facultativo anterior ter pedido a sua exoneração.

Braga 22 de julho de 1875.

O Presidente

Antonio de Faria Braga.

(C. 2390, R. 107)

Modista de Lisboa, de vestidos, chapéos, capas, etc. Tudo pelos figurinos, e por preços modicos.

Campo de D. Luiz 1.º, 37, 1.º andar.  
Precisa de costureiras e aprendizas.  
(2586)

Bernardo da Cunha Pinto Barbosa, solicitador de causas n'esta cidade, mudou a sua residencia da casa em que morava na rua do Souto, n.º 14, para a sua nova casa que tem na rua Formosa, n.º 1, ao pé da estação do caminho de ferro; arrenda a dita casa da rua do Souto, a qual se póde ver todos os dias ás 8 horas da manhã ou 6 da tarde.



## NOVO HORARIO.

Joaquim José Cerqueira, Francisco Jose Cerqueira, Joaquim Cerqueira Junior, e Jose Antonio Cerqueira, de Ponte do Lima, levam ao conhecimento do publico que estabeleceram um novo horario para as carreiras que tem estabelecidas entre Braga, Ponte do Lima e Vianna do Castello, a principiar no dia 25 do corrente inclusivé, a saber: Sae de Braga do escriptorio do Arranjadinho no largo da Lapa, ás 6 horas da manhã, chega a Ponte ás 10, e sae de Ponte ás 2 da tarde e chega a Vianna ás 5. Sae de tarde de Braga ás 2 horas, e chega a Ponte ás 6 e a Vianna ás 9 da noite.

Volta—Sae de Vianna ás 3 horas da manhã, chega a Ponte ás 6, e a Braga ás 11 da manhã, e de tarde sae de Ponte ás 3 horas e chega a Braga ás 8 da tarde, tendo meia hora de demora em Freiriz.

**Preços:**

De Braga a Vianna ou vice-versa, dentro 800 reis, fora 700.

Escriptorios: em Vianna, casa do sr. Fragoso, praça da Rainha, e em Ponte do Lima, em casa do sr. José Antonio Cequeiros, largo do Chafariz.

Braga 23 de Julho de 1875.

O gerente

(2389) Francisco Pereira Leite e Castro.



José Antonio Monteiro, e Joaquim Alves Vinagreiro, fazem publico que as suas diligencias saem diariamente ás 6 horas da manhã em direitura a Ponte do Lima e Vianna, do escriptorio do Ribeiro Braga, da Praça do Barão de S. Martinho, fica a sair desde o dia 23 do corrente inclusivé, ás 8 horas da manhã, por ser mais conveniente aos snrs. passageiros que vem nas diligencias da manhã, de Vizella e Guimarães, para seguirem viagem em direitura para Ponte do Lima e Vianna do Castello.

Preços os annunciados.

Braga 20 de julho de 1875.

O gerente

(2583) Ribeiro Braga.



**ATTENÇÃO**

Diligencias diarias entre Braga, Guimarães, Felgueiras e o Alto da Lixa e vice-versa.

**Preços d'animar e bom serviço**

Antonio Branco e Antonio Padeiro & C.<sup>o</sup>, previnem a todos os seus amigos e freguezes que principiam com uma nova carreira entre Braga, Guimarães, Felgueiras e Lixa, saindo de Braga ás 2 horas da tarde chegando á Lixa ás 8.

Os annunciados tem o serviço bem montado, e esperam o favor do publico.

**Preços:**

De Braga á Lixa . . . . . 540  
» » a Felgueiras . . . . . 440

Concedem 7 kilogrammas de bagagem gratuita, e o excesso será pago a 30 réis o kilo.

Os seus escriptorios são os seguintes: Em Braga, em casa do sr. José Antonio Marques no largo do Barão de S. Martinho.

Em Guimarães, em casa do sr. Mello no campo do Toural.

Em Felgueiras, em casa do sr. Bernardino Pinto de Queiroz.

No Alto da Lixa, na estalagem do sr. Dias.

Felgueiras, 16 de julho de 1875. (2376)

**CAFÉ VIANNA**

Precisa-se d'um creado para cosinha. (2585)

**20,000 REIS D'ALVIÇARAS**

Dão-se 20,000 reis a quem achasse e queira entregar uma carteira, na rua dos Chãos de Baixo em casa do sr. José Dionisio da Costa, ou na rua dos Biscainhos n.º 20, perdida no dia 17 desde o Carmo ao Largo da Cadeia, contendo papeis de embarque e objectos de valor. (2579)

**Traspasse de negocio**

Traspassa-se a confeitaria e restaurante da rua de S. Marcos, d'esta cidade. Trata-se na mesma, de seu ajuste. (2563)

**MOURA**

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende cimento romano para vender aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (2584)

**MOURA**

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

**MOURA**

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende papeis pintados para guardar salias, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

**PARTIDO A CONCURSO**

A camara municipal d'este concelho de Cabeceiras de Basto, etc.

Faz publico que se acha a concurso por espaço de 60 dias, a contar da data do presente annuncio, o provimento do novo partido de medico cirurgico do mesmo concelho, com o ordenado annual de 250,000 reis, e pulso livre, com a obrigação de residir na rua do Arco, e conforme com as condições que se acham patentes na casa da camara.

Cabeceiras de Basto, 10 de julho de 1875.

Eu Manoel Leite Araujo, o subscrivi.  
O presidente da camara  
(2577) Bernardino d'Oliveira Leite.

**DOCTOR IN ABSENTIA**

O professor em artes, letras e sciencias, membro do clero e magistrados, todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra). (T\*)

Arrenda-se desde o S. Miguel um lindo 2.º andar d'uma casa nova na rua dos Sapateiros n.º 17.

Tambem se cosinha, se convier. Trata-se na rua de Santo Antonio das Travessas n.º 16.

N'esta casa das Travessas, vende-se uma estante. (2580)

Vende-se uma morada de casas na rua de S. Vicente, n.º 6, com bom quintal e agoa. Quem a pertender dirija-se á mesma, onde encontrará com quem tratar. (2563)

**JUBILEU DO ANNO SAIT**

Instruções para a procissão do Jubileu

Approvadas pelo exc.<sup>mo</sup> ordinario

Contém, em optimo papel e typo bem legivel, todas as orações em latim para uso dos parochos e mais presbyteros que acompanham a referida procissão e as quaes se não acham colleccionadas nos Rituaes

Preço, 400 réis, franco de porte

Está á venda na livraria do editor, Jacinto Antonio Pinto da Silva, rua do Almada, n.º 136—Porto. (2578)

**Venda de casas**

Vendem-se juntas ou separadamente dez moradas de casas com grande quintal, tendo os n.ºs 72 a 82. proprias para edificação d'um grande predio e sitas na rua da Cruz de Pedra em frente á nova rua que se vai abrir para a estação do caminho de ferro. Trata-se na mesma rua n.º 100 com o sr. Manoel Antonio Pacheco. (2511)

**ARREMATACÃO**

A requerimento de José Joaquim d'Almeida, viuvo, d'esta cidade, pelo cartorio de Motta, á face do inventario por fallecimento de sua mulher se tem d'bastear em praça voluntaria, e entregar-se o preço convier, no dia 8 do proximo agosto pelas 9 horas da manhã, no tribunal da justiça, as quintas do Paço, e de Sandarão, sitas na freguesia de Semelhe, proxima d'esta cidade, com vista para a cidade e estação da linha ferrea e d'esta para aquellas, a primeira descripta de baixo da verba n.º 332 no valor liquido de 8:322,600 reis, a segunda descripta de baixo das verbas n.ºs 319 a 229 inclusivé e 331 no valor liquido de 6:672,8405 reis e ambas já no lance de 12:500,000 reis juntas, mas que se arrematarão juntas ou separadamente, como mais convenha ao inventariante e tudo na forma do seu requerimento. (2570)

**ALUGA-SE**

Uma casa feita de novo, sita na rua das Agoas, n.º 91. Trata-se na rua dos Chãos n.º 13.

Póde ver-se das 10 horas da manhã, até á 1 da tarde. (2560)

**Asphalto Nacional da Mina de Aseche**

A Companhia de Lisboa com escriptorio no Porto na Rua do Bomjardim n.º 365, previne os seus freguezes e o publico em geral que continúa a encarregar-se de qualquer obra a que seja applicavel o asphalto, assim como terraços, impensas, passeios em jardins e nas ruas publicas, cavalherices, eiras, etc.

A mesma Companhia presta-se a garantir o bom resultado do seu trabalho, sendo sufficiente para recommendar o seu asphalto, a preferencia que lhe tem sido dada pela administração das obras publicas e o repetido chamamento para substituir asphalto que se por ahi pegoa, como vindo do estrangeiro.

Todos os snrs. que precisem qualquer encomenda d'este genero, podem fazela no Porto Rua do Bomjardim n.º 365, e em Braga, na Fabrica da Fundição do Minho. (2535)

**NOVA FUNDIÇÃO DE FERRO**

DE  
Antonio Germano Ferreirinha  
NA  
Travessa de S. João

Aonde faz toda a obra, assim como bombas, conçoilas, columnas para gaz, pezos novos, panellas á ingleza de todos os tamanhos, canos para agoas e gaz, e toda a obra de fundição, como grades para sacadas, obra de metal, sinos e outros objectos de igual teor etc., pelos preços do Porto.

**PADRE SENNA FREITAS**

**OS LASARISTAS**

Pelo Lasarista sr. Ennes

Preço 100—Pelo correio 120

Vende-se em Braga, n'esta tipografia, rua Nova n.º 3—na Livraria Catholica, rua do Souto e na Praça Municipal, em casa do sr. Vieira Machado.

No Porto, Praça de D. Pedro, na Livraria Central, de Mesquita, para onde devem ser feitas quaesquer reclamações.

Preço. . . . . 100 rs.

**Aviso ao commercio**

Na Praça d'Alegria, d'esta cidade, n.º 16, (antigo Campo das Hortas) acha-se estabelecida uma casa de commissões. Seu proprietario toma conta de despachos de mercadorias de qualquer natureza que sejam, tanto d'esta cidade para a do Porto, como do Porto a esta. Promptifica-se a tomar conta de todas as fazendas em casa dos snrs. negociantes, e a entregal-as na do destinatario, (em que só n'isto vae uma grande vantagem) tudo por uma modica commissão sem competidor.

Quem precisar esclarecimentos póde dirigir-se á casa supra mencionada ao commissario

Antonio Zacharias da Silva Coelho. (2536)

**BRAGA**

Vende-se uma morada de casas de 3 andares no largo do Paço n.º 9, trata-se na rua do Souto n.º 28 com o sr. José Antonio da Silva Lomar. (2522)

**PEDRA DE ALVENARIA**

Quem precisar comprar-a, vende Antonio Alves dos Santos, Costa, na rua da Sé d'esta cidade. (2563)

**MILHO**

Chegaram á casa d'Almeida & Pereira, commerciantes d'esta praça, 200 carros de milho das ilhas portuguezas da Hungria e de Marrocos, para abastecimento dos nossos mercados, tornando-se recommendavel pela sua boa qualidade.

Senho muito difficil áquelles snrs. encontrar logar bastante espaçoso para acomodar uma tão grande quantidade, correram á bondade de que é dotado o exm.º e revm.º sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pes-oa, Arcebispo Coadjutor d'esta Diocese, e depois de lhe fazerem sentir a difficuldade com que luctavam, da melhor vontade, ex.º revm.º se prestou a conceder-lhes as chaves dos celeiros do Paço. A mesma franqueza e boa vontade encontraram no exm.º sr. conselheiro Manoel Justino Marques Murta, que, como Provedor da Santa e Real Casa da Misericordia, immediatamente lhes mandou franquear o celeiro d'aquella Santa Casa, onde desde já se acha exposto á venda como se vê do annuncio que segue:

**AO PUBLICO**

A' casa d'Almeida & Pereira, agentes n'esta cidade, da Sociedade Geral Agricola e Financeira de Portugal, com sede em Lisboa, acaba de ser consignado, pela mesma Sociedade, para abastecimento dos nossos mercados DUZENTOS CARROS DE MILHO SUPERIOR das nossas ilhas, de Marrocos e da Hungria, que desde já se acha á venda nos vastos celeiros do Paço Archiepiscopal e da Santa Casa da Misericordia. (2591)